



Lucas Bambozzi > **Das invisibilidades metafóricas, poéticas e reais**
Metaphorical, poetic and real invisibilities

Resumo

O artigo é um devaneio acerca da noção de invisibilidade e evoca as possibilidades latentes de abordar exemplos do que escapa à visão. Tem um caráter especulativo, em torno da recorrência do tema na arte e nos dias de hoje. O texto é mais fragmentado e seu estilo remete ao que poderia ser um prólogo, uma quase-apresentação se esta pudesse ser uma livre enumeração de ideias. É um pedido de licença com relação às exigências de aprofundamento em referências, pois opta como recurso o de favorecer a fluidez do texto. Ao mesmo tempo, busca apontar os pilares da estrutura dos capítulos e os textos que dão base aos estudos posteriores apresentados na tese. A intenção é caracterizá-lo com um sentido panorâmico, de alargamento da visão, e não com o compromisso descritivo do conjunto da tese. As referências de apoio são intencionalmente heterogêneas, sendo as principais: Clément Rosset (2014), Philippe Dubois (1993), Hannah Arendt (1991), Michel Foucault (1986), Cauquelain (2006), Vilém Flusser (2011), Bachelard (1989) e uma série de outras alusões, algumas imersas no imaginário popular.

Palavras-chave: Invisibilidade. Especulação da Escrita. Frequências e Redes. Pesquisa Acadêmica em Artes.

> Lucas Bambozzi é um artista e pesquisador em novas mídias, iniciador de projetos como *Arte. mov* (2006-2012) *Labmovel* (2012-2016), *Multitude* (2014) e *AVXLab*. Atualmente, ele está envolvido em abordagens críticas em espaços informacionais e campos eletromagnéticos observados em domínio público. Lucas concluiu seu doutorado na FAUUSP e leciona na FAAP, EBAC e Santa Marcelina College, em São Paulo.
Contato: lbambozzi@usp.br

É verdade que há muita loucura em se ocupar com algo que sequer vemos. (Louis Ferdinand Céline)

O invisível está em toda parte. O invisível expande-se e demanda ser visto. Há o invisível como metáfora, como construção semântica, como poesia, como embate com a matéria. Há o invisível nos afetos, na comoção, no aperto da garganta, nas palavras que escapam, nas angústias, alegrias ou tristezas do amor.

“Fecha o olhos e vê” como nos disse Joyce (1966, p.41-42), em *Ulysses*. Há o invisível na literatura, no que exala dos sabores e aromas de Proust, nas ruas e passagens de Baudelaire, nas forças da noite de J-F Céline, no esforço em enxergar a crueldade exultante nos Cantos de Maldoror, no confronto entre o real e seu duplo de Clément Rosset. Há uma sugestão ilusória na criação com palavras, fictícia e irreal, como em um Mallarmé, que faz ver o que seja, existente ou não, para além do ceticismo dos olhos.

Já se sabe, há acontecimentos singulares da percepção, um invisível psicofísico, ao mesmo tempo, lógico e sensível, que privilegia a presença, tal como descrito por Merleau-Ponty.¹ Precisamos, de um jeito ou de outro, ver ou sentir, de algum modo, mesmo que seja o invisível para poder pensar.

Há mesmo toda uma filosofia que se ocupa desse invisível, que se mostra paradoxal, desafiador das formas de ver. Pois, sim, o invisível já estava na caverna de sombras de Platão, nos traços de um rosto descrito por Wittgenstein, na compreensão do corpo e da alma por parte de Hannah Arendt (ah, o pensar, quanto de invisível carrega este ato!).

Há o invisível dos domínios do fantástico, da magia, do desconhecido, nas noções, às vezes, obscuras de mistério. Há a crença no invisível que habita o sobrenatural, nos espectros, nas fantasmagorias. No que irradia dos corpos, sobretudo das coisas que insistem em se mostrar latentes e vivas.

Há espectros que se fazem ouvir. Pois há toda uma escuta do que se supõe existir e que suplanta a credulidade da visão, como nos escritos ou nas captações de áudio de Hilda Hilst. Seja pelos espíritos, pelos corpos visíveis ou que nos habitam, somos movidos pelo que não vemos, mas, muitas vezes, ouvimos. Algo mensurável, às vezes, por meros radinhos de pilha, em estações fora de sintonia, que detectam interferências eletromagnéticas ou vozes de uma outra dimensão, ou por torres radiotelescópicas que captam corpos lunares e estelares do espaço sideral.

1 O pensamento e a complexidade de Maurice Merleau-Ponty (O visível e o invisível) seriam fundamentais a um estudo detalhado da fenomenologia da percepção e de uma conceituação mais aprofundada entre visibilidade e invisibilidade, mas são evocados aqui mais como referências colaterais do que como norteamento teórico.

Pois, a ciência, às vezes, concorda com certas premissas místicas e/ou exotéricas, que há uma enorme gama de frequências inaudíveis, que não se escuta e que, supostamente, são vitais ao funcionamento de nossos corpos neste planeta.²

As representações visuais do espectro circulam há tempos entre nós. Estão em Goya, na série *Los Caprichos*³, no devir-fantasma dos corpos fotografados por Nadar⁴, nas manchas e tramas das experiências singulares de Hippolyte Baraduc em busca do registro da alma humana.

Os espectros estão na fotografia mortuária, permeada por nimbos, auréolas, auras, véus, lençóis e outros elementos de representação do além, do desconhecido e do ilusório. Estão na iconografia científica do final do século XIX, quando surgiram inúmeras tentativas de capturar os espíritos, a aura ou os espectros, em uma diversidade de máquinas de ficção⁵. Há a crença no que se quer ver, como no devir-fantasma dos corpos fotografados. Há a materialização do invisível da radioatividade humana, da aura, do efeito Kirlian e do Perianto⁶.

Há a ilusão no campo de uma arte fantasmagórica em certas sortes de magias, que oscilam entre transparência e opacidade, entre um Athanasius Kircher e um Giambattista Della Porta.⁷

Há bastante desse invisível nas premissas do tipo “só-vejo-o-que-acredito-ver” e na incredulidade do “só-acredito-vendo”.

Há também invisibilidades de outras sutilezas, como nos desvios para o invisível através da interioridade, da profundidade, em certo impulso para uma espiritualidade imaterial “pictórica” em Yves Klein, em Rothko. Há o jogo do visível/invisível nas telas brancas ou nos traços apagados por Rauschenberg, nas nuvens de vapor de Robert Morris, nas latitudes e longitudes de Robert Smithson, nos silêncios induzidos de John Cage, nas pinturas-estruturas de Yoko Ono, no *Zen film* de Nam June Paik, na tensão que antecede os *happenings* e as performances.

Há o invisível nos lugares da suposição, no *The Lightning Field* de Walter de Maria, nas cores de James Turrell, nas ilusões luminosas, das artes em que imaginar é mais importante que ver.

Há o invisível que se traveste semanticamente de incorporal, de imaterial, de desmaterializado, pensado no campo da produção

2 Vale conferir o documentário *Resonance: Beings of Frequency* (Ressonância: Somos Seres de Frequência), que descreve uma teoria segundo a qual a frequência alfa emitida pelos nossos cérebros, gravadas por Hans Berger por meio de eletroencefalografia, por ele criada em 1924, são similares e estariam em harmonia com a Ressonância Schumann, definidas por Otto Schumann em 1952, que equivale à frequência emitida pelo planeta Terra, de 7,83Hz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xtpkveNYBtA>. Acesso: 07 Jan. 2019

3 Em particular em *Que viene el Coco* (gravura em água-forte, 1799).

4 Segundo Philippe Dubois (1993), Nadar descreve, em *Quando eu era fotógrafo* (1900), sua “teoria dos espectros”, relatando reações de resistência e assombro por parte de seus retratados no ato da pose fotográfica.

5 Philippe Dubois (1993) denomina “fantas(má)ticas máquinas de ficção” ao se referir ao conjunto de experiências com a fotografia do corpo e suas fantasmagorias na segunda metade do século XIX, em um período afetado por um cientificismo positivista e eufórico.

6 Efeito Kirlian refere-se ao processo fotográfico desenvolvido pelo casal soviético Semyon e Valentina Kirlian em 1939, inicialmente denominado “fotografia de campo radiante” e “perianto” foi o termo utilizado pelo padre e inventor gaúcho Ignácio Landell de Moura (1861-1928) para descrever o efeito produzido pela eletricidade humana em chapas radiográficas.

7 Ver: *Cine Fantasma: Fantasmagorias, circuitos eletrônicos e digitais e sistemas híbridos*, tese de doutorado de Paola Barreto Leblanc. UFRJ: Rio de Janeiro, 2016.

cultural como inserção, estratégia, manifesto, movimento, onda, discurso, apelo, *zeitgeist*, sinal dos tempos ou simplesmente como forma de dar “visibilidade” a uma cena invisível.⁸

Há um invisível, assim denominado, simplesmente porque “o informe e o indistinto nos escapam” (CAUQUELIN, 2008, p.146), e assim persiste sendo propagado.

Há o invisível engastado em lugares e que enuncia presenças nas vibrações, tremores, vestígios, legados, rastros, memórias, ventos e cheiros.

Ver tudo isso demanda atenção. “Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar” (HAN, 2015, p.36). E, se Cézanne via o perfume das coisas, é porque dedicava atenção profunda à visualização das coisas nem sempre visíveis.

É esse o invisível, fruto da atenção, da escuta, do olhar redobrado que habita o espaço, prenhe e impregnável de imaginação, que “aumenta os valores da realidade” (BACHELARD, 1989), pois, sim, a imaginação é um disparador de estímulos que faz notar os cantos e as visões não reveladas de um lugar.

Há o lugar do eletrônico e do digital, um lugar incerto, seguramente vazio de vida, definido por protocolos, impulsos numéricos, apagável, em constante obsolescência, mero suporte físico, em estado contínuo de reiteração tecnicista e de notada desolação, em ansiosa agonia, mesmo que desprovido de qualquer humanismo.

E sobre aquilo que oscila em arte e comunicação – sim reiteradamente tratamos aqui de linguagem –, há sempre o indizível que resvala na troca de correspondências, na retórica, na supressão das evidências materiais, no que é colocado como faltante, no que falta de fato, no que é menos que informação, pois se além a ser sugestão, entrelinha ou direcionamento de atenção. E já que o indizível não é o que se cala há o hiato do não-dito entre esses termos.

Então há mesmo muitas e distintas invisibilidades na suposta imaterialidade das projeções de cinema e vídeo, nas ressignificações sugeridas de tais projeções em espaços públicos, variando o sentido entre o lugar da coisa, da arquitetura e da imagem em suas superfícies, em notável estado de instabilidade e impermanência.

Há o invisível porque há somas e subtrações demais no mundo, em aritméticas, razões e exponenciais que não alcançamos.

Há a estratégia de invisibilidade ideológica na política, nas táticas de poder, nas formas de dominação social, na exploração econômica, na lógica colonialista, na hegemonia branca e heteronormativa, nas questões de gênero, na presença constrangedora do pensamento segregacionista. Há muito desse invisível na miséria, no desamparo, na míngua que se multiplica tanto que se torna sórdida – da mesma estirpe daquela invisibilidade produzida pela hierarquização artificiosa entre as raças, etnias, cores de pele e credos, que se escolhem manter abaixo das zonas de visibilidade social.

8 Haveria uma grande lista de exposições que marcaram a adoção do termo “invisibilidade” como um movimento conduzido por artistas e/ou curadores como forma de enunciar uma cena. Dentre estas, a exposição *Os Imateriais*, mostra-manifesto organizada por Jean-François Lyotard no Centro Georges Pompidou em 1985, é das mais célebres. A presente pesquisa incluirá em seus anexos uma lista com dezenas de outras exposições e mostras ligadas ao tema.

Há o invisível que se dá pela incapacidade de ver, há o invisível tal como o vemos.

Há o invisível que interessa ser debatido e o que não interessa de modo algum, entrelaçando tensões ideológicas, pois há sempre interesses inconfessáveis.

Há o invisível nas argumentações, nas dissertações, nos ensaios, nas obras inventadas, nos sebos, nas páginas rasgadas, nos textos difíceis de ler e nas noites de insônia. Há falta de visibilidade mais que invisibilidade, para ver e compreender as coisas mal vividas ou sofridas, as escolhas difíceis, as eleições afetivas, os embates, as dúvidas.

Há um ponto cego, invisível, nas tecnologias de visão implementadas em máquinas de inteligência artificial, um invisível “maquínico” que nos olha, nos espreita e nos classifica. E sempre deve haver formas de resistir aos meios de codificação do visível previsto pelas máquinas de visão, assim como há (ou sempre há de haver) formas de escapar do escrutínio e do escaneamento técnico por subversão ou pela linguagem da subjetividade – e, por mais que as máquinas também almejem a subjetividade, há a relativização do que é visível ou nem tanto.

Há que se enxergar o que circula entre o que não se vê e o que é essencialmente visível. Há também que se perceber o quanto o não enxergar, o não saber, a indefinição do fato ou da informação, hoje é parte de um enigma que nos é colocado, às vezes, perversamente, em espetáculo continuado. Há, nos espetáculos, como se sabe, o visível pueril, assim como há o invisível obscuro, que está fora da cena.

E há, claro, uma política implícita ou disfarçada nos sistemas informacionais atuais, no controle das redes, nos sinais *wi-fi*, entre sistemas pseudocompartilhados, na infraestrutura das redes, nas torres de celulares, nas emissões de rádio, nas interferências sonoras, nos *walkie-talkies* dos seguranças nos shoppings, nas portas dos restaurantes, nas guaritas, nas ruas. Na “mão invisível” do mercado, como sopram as doutrinas da economia. Enxergar esse invisível, que é também o *locus* da política, é entender o constituinte primordial de um lugar ou espaço.

Pois há que se contornar o obstáculo da invisibilidade, “tornando visível a ausência de visibilidade” (CAUQUELIN, 2008, p.79), mesmo dos sistemas que aparentemente não nos interessam.

Há então esse outro invisível aflitivo, que nos concerne, que é “quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.34).

Há também aqui, sim, o reconhecimento do ruído, do chiado, do zumbido, da estática, das oscilações de sinal, do fluxo de comunicação e da eletricidade, da eletro-osmose, do eletromagnetismo, da consideração do invisível e suas “presenças” como propostas estéticas e constituintes do social e das subjetividades contemporâneas.

Há muitos e variados invisíveis, plurais demais para serem listados, cuja aptidão, vocação, tendência, qualidade, assombro ou beleza, é serem mantidos tal como o são, invisíveis.

Igualmente, parece ser favorável crer que “o que se vê provém do que não é aparente” frase atribuída a Paulo de Tarso, o

apóstolo São Paulo, segundo Paul Virilio (1993, p.68), já que a imaterialidade do espaço informacional emergente tem a ver com alguma metafísica.

Enfim, há aqui o fabular sobre algo que não existe (como o neutralizar sua suposta negatividade): “a arte de sugerir algo sem evocar nada preciso” nas palavras de Clément Rosset a respeito do jogo estético, para fazer valer “a virtude positiva de permitir uma criação poética” (2014). Para além de um êxito dessa ordem, em associações permissivas, o invisível tratado aqui tem espessura, densidade, comprimento de onda, pulsação e capacidade de penetração nos corpos e matérias, matematicamente mensuráveis ou distinguíveis pela latência indefinida de seu trânsito.

Do que se constitui esse invisível, que espaços transita ou habita, de qual lugar de fala vem, de qual ordem ou natureza é composto, e de algumas ideias de “como ver”, é do que tratamos nas páginas que envolvem este prólogo, fora de lugar, intersticial, por assim melhor se encaixar, em matiz distinta dos demais textos.

Faltaria repetir: “fecha o olhos e vê”, por algum momento que seja, como já nos disse Joyce.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- CAUQUELIN, Anne. **Frequentar os incorporais**. Contribuição a uma teoria da Arte Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CÉLINE, Louis-Ferdinand. **Viagem ao fim da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- DUBOIS, Philippe. O Corpo e seus fantasmas, In: **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 1993. P. 219-247
- JOYCE, James. **Ulysses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 41-42.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- ROSSET, Clément. **Lo invisible**, Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2014.
- VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.